

***NOTÍCIAS DO LAGO XERAYES* (século XVIII) e *NATURALIS HISTORIA* (século I): UM ESTUDO INTERTEXTUAL**

*Ivone da Silva Rebello**
*Eliana da Cunha Lopes***

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste num estudo histórico, lingüístico, literário e comparativo de duas obras de diferentes épocas e autores e, ao mesmo tempo, escritas com finalidades distintas. São elas: **Notícias do Lago Xerayes** (manuscrito de 1786 – século XVIII) do demarcador e astrônomo Dr. Antônio Pires da Silva Pontes e **Naturalis Historia** (século I d.C.) do escritor romano Plínio, o Velho (23-79 d.C.). O primeiro texto consiste numa Memória, com formato de narrativa de viagem, tendo finalidades geopolíticas, ou seja, retificar/ratificar a demarcação dos limites das terras brasileiras (em especial, as mato-grossenses) pertencentes à Coroa Portuguesa, conforme o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777. Nesse texto, o astrônomo narra a viagem que fizera entre abril e junho de 1786, desde Vila Bela (atual Cuiabá) até as lagoas Gaíba, Iberava e Mandioré. A descrição das terras, vistas de modo admirável pelo demarcador, o induz, muitas vezes, a utilizar-se de uma linguagem literária, destacando metaforicamente as belezas do Lago Xerayes. Já o segundo texto, o autor compôs uma vasta obra de caráter enciclopédico, com um inegável valor histórico para o estudo dos acontecimentos científicos na Antigüidade, constituindo-se numa compilação do conhecimento empírico. Em seu **Liber II**, Plínio relata sobre a física do Universo e de seus elementos constituintes, não se limitando a descrever espécies naturais e suas características, mas entremeia suas descrições com histórias, lendas, relatos de fatos etc. Tais textos foram analisados dentro de uma visão histórico-lingüístico-literária e comparativa, com o objetivo de provar que a intertextualidade hetero-autoral irá consubstanciar a relação entre textos de diferentes épocas. O texto de 1786 estabelece um diálogo intertextual com o texto do século I d.C., buscando na linguagem estética as palavras e expressões que enriquecerão a visão referencial da informação em **Notícias do Lago Xerayes**, pois, ao “conhecer” o escritor romano, o astrônomo utilizou-se dos recursos lingüísticos oferecidos por Plínio, dando um maior significado às suas observações.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos, inicialmente, uma revisão bibliográfica, a fim de adquirir subsídios teóricos para o suporte teórico em que se fundamentou a análise. Nossas reflexões foram orientadas por estudos que apontam para

* PCRJ (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

** USS (Universidade Severino Sombra)

a Literatura Comparada, buscando-se um referencial teórico sobre a intertextualidade hetero-autoral nos críticos literários Julia Kristeva, Jenny Laurent, Lucien Dällenbach, Linda Hutcheon, Leyla Perrone-Moisés, Vitor Manuel de Aguiar e Silva. Para atingirmos o objetivo proposto, procedemos, portanto, a uma leitura histórico-lingüístico-literária e comparativa, entre os textos escolhidos (**Notícias do Lago Xerayes** e **Naturalis Historia** - Liber II), a qual nos permitiu destacar muitos pontos em comum, considerando-se as referências contidas no manuscrito de 1786. Tais referências fazem alusão à obra de Plínio e nos dão evidências de que o Lago Xerayes ressurgia, na visão de pesquisadores do século XVIII, como o lugar paradisíaco para a existência humana, oferecido pela Mãe-Terra, conforme relata Plínio, em seu Liber II.

3. O MANUSCRITO DO SÉCULO XVIII

O manuscrito **Notícias do Lago Xerayes** foi encontrado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob o código: *Documento-14.[PONTES, Antônio Pires da Silva]. Notícias do lago Xerayes.[s.l.], [s.d.]. 19p. Cópia. Manuscrito. Faz referências aos índios Parabuá, bem como a fauna e flora da região. Consta paginação de 340 a 349. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. Proveniente da Coleção Carvalho. CEHB nº 19.377. ABN v.72, p.129,21,1,007 nº 001.*

O documento inicia-se com uma dedicatória: “Ao Sr. Alexandre Rodrigues Ferreira”, e uma epígrafe retirada da comédia **CAPTIVI** (Os Cativos) do comediógrafo latino **PLAUTO** (254? – 184 a.C.), escrita no século I a.C. O trecho da peça é a fala do personagem Aristofonte, quando este dialoga com o personagem Hegião, no Ato II, cena V:

Me audibis uera quae nunc falsa opinare,...

(De mim tu ouvirás as verdades as quais agora te recusas a acreditar...)

Iniciando a narrativa da viagem, o autor deixa claro que havia pontos litigiosos quanto à Latitude Austral e a Longitude Ocidental da demarcação do Lago Xerayes:

Entre os pontos litigiosos para os Aplicados à geografia do vasto Continente da América, se oferece a existência do Lago Xerayes, que as Cartas da América Meridional costumam colocar pela Latitude Austral de 16 graus e Longitude Ocidental de 39 graus; a descrição que vou a fazer conformando-me à Carta que tive a honra de apresentar a esta Academia... (p.340)

Caracteriza o Lago Xerayes como:

*...este **Ente** geográfico, único na sua espécie e grandeza. (p.340)*

Registra a data da partida da expedição:

No dia 30 de abril de 1786, partimos da Capital de Mato Grosso, que tem o nome de Vila Bela,... (p.340)

E, determina, com precisão, a localização da capital:

...situada na margem oriental do Rio Guaporé, vertente para o Rio das Amazonas, em Latitude Austral de 15 graus, e na Longitude Ocidental de 317° 42', contando o primeiro Meridiano a 20°, ocidental de Paris, que é o da Carta... (p.340)

Em seguida, relata as primeiras dificuldades enfrentadas pela comitiva; relato que nos dá a certeza de que a viagem foi feita na época da enchente do Pantanal:

...os campos que cercam a Vila (= Vila Bela) pela parte de Leste em largura de dez léguas e a estrada que nos guiou até o Porto, em Registo do Jauru, estavam ainda tão empapados d'água, que nos foi necessário fazer parte do caminho a pé, e descalços pelos lameiros, ondeando em lama e barro tenacíssimo até os peitos; ... (p.340)

Mais adiante, dá-nos ciência do ocorrido com a comitiva no dia 2 de maio de 1786:

*...o frio e a chuva que nos acometeu com vento sul no dia 2 de maio e que fez passar o Termômetro de **Rezaumur** de 23° a 9°, fez também adoecer muitos Pedestres da comitiva, e só no dia 15 de maio pudemos descer águas abaixo do Rio Jauru, com três canoas armadas em guerra, para fazermos frente aos Genticos Payugías... (p.340)*

Devido às enfermidades contraídas pela comitiva, o autor nos relata:

...na Barra e foz do rio Jauru fizemos alto e Hospital para curar os nossos doentes, a quem os Eméticos de tártaro e de ipecacuanha foram do mais decisivo alívio... (p.341)

A seguir, delimita o local do arraial:

*...fizemos pois nosso arraial encostado ao marco de **Marmur nobile Europeo**, que ali se acha sobre a margem ocidental do (Rio) Paraguai na Barra), como dissemos de Jauru, e é uma Pirâmide com quatro faces, e tem as diagonais nos quatro pontos cardeais: na face oriental a letra **Sub Ioanne V Lusitanorum Rege Fidelíssimo**; na face do Sul a Letra Sagrada de **Psalmu**, de que às vezes tanto se abusa, **Iustitia et Pax osculatis sunt**; na face ocidental diz: **Sub Ferdinando VI Hispaniarum Rege Catholico**; e enfim a do Norte tem a data do Tratado de limites, que depois foi abolido e vem a ser: **Ex partis finium regundorum conventis Madrili idibus Ianuarii MDCCL**. (p.341)*

Enfim, elucida-nos as várias nomenclaturas dadas ao **Ente geográfico**:

Já a grande enchente do Rio (Paraguai) que em fevereiro e março costuma passar neste lugar do Marco (Jauru), se achava pelas planícies do Lago Xerayes, ou para falar com a frase daquele País, se achava nos Pantanais, nome que dão os Portugueses Paulistas ao que as Cartas chamam de Lago Xerayes; no mês de junho é que eles dizem estarem florentes os Pantanais,... (p.343)

Após vários percalços de viagem, a comitiva do Dr. Antonio Pires da Silva Pontes encontra uma ilha onde puderam portar e fazer, com segurança, a comida. Esta ilha encontrava-se povoada de macacos **bogios** os quais causaram impacto aos viajantes e que foram assim descritos:

...uma pequena ilha de árvores grossíssimas,...povoadas de bogios barbados as mais semelhantes e parecidas símias com o homem, quando traz a barba prolixa; os machos são negros, de um pêlo muito nédio e luzidio,...as fêmeas são alvadias e os machos novos só tem de preto as extremidades dos seus artos e da cabeça, e os pêlos acompanham a espinhal medula com o mesmo flogisto da sua cor preta... contudo a natureza os proveu de uma voz terrífica quando se assustam, fazendo um ronco surdo de oitavas baixas,... (p.343)

Surpreendidos pela maravilha da fauna existente no Lago Xerayes, os viajantes se depararam com várias cenas, uma delas é assim descrita:

Logo ao deixar o Pouso do Escalvado,...tivemos o singular espetáculo de ver uma onça que pescava com a mais estranha habilidade: é de supor que no tempo das inundações os peixes tiram-se do álveo do Rio (Paraguai) e vão cevar-se com as frutas que estão caindo das árvores sobre as águas,... são os jenipapos dos Pantanais,...quando estes frutos caem das árvores, vão a uma parte do fundo da água e voltam acima com o movimento acelerado,...os peixes que conhecem pela experiência o que sucede, quando sentem a pancada do fruto,...à flor da água a vão apanhar, e a voracidade que tem por aquele alimento os faz fora da superfície do fluido em que vivem, a cabeça e, às vezes, uma boa parte do corpo;...a onça,...tira o seu partido destas combinações, alcançando uma ponta de madeira que esteja sobranceiro ao Rio (Paraguai), e horizontalmente posto, tocando na água,...e com a ponta da cauda fere a água de um e outro lado do tronco, imitando o som que fazem as frutas caídas das árvores; os peixes que são...os pacus,... acodem ao sítio onde ouviram a pancada e saem,...fora um pouco da superfície da água quanto é bastante para a onça com a mão esquerda ou direita,...o expedir para terra:.. (p.344)

Ao avistarem uma capivara, também tecem comentários sobre o animal:

Não é menos para notar o ninho das capivaras,... víamos ...deitados e outros como sentados.. e ali descansam do tempo que é preciso nadar para alcançar a sua comida,... (p.346)

Ao mencionar os peixes da região, o chefe da expedição assim se expressa:

...entre o Rio Aguapeí e o Alegre, se estão recreando os olhos em diferentes espécies desses animais criados ao quinto dia do Mundo,... (p.341).

...o Rio Jauru...: a abundância dos peixes dourados, das upiávas, das piraputangas e dos pacus, é nele tão prodigiosa... (p.340)

Em sua narrativa, o autor descreve a flora que o impressiona, mas que também **estorva a navegação**:

*Fora da veia da água corrente são tudo plantas nadantes,... tendo elas caules longuíssimos, vêm desde o fundo com 30 e 35 palmos de comprimento buscar a luz vegetante do sol à superfície da água;... são os **callas palustres foliis cordatis**,... a planta **Pothos**, de diferentes espécies, os Rainínculos, as Lobélias, as Orizas... são quase sempre as que estorvam a navegação daquele Pantanal... (p.345)*

E se surpreende ainda com as águas limpas da Lagoa da Iberava e com a pureza e a salubridade do ares do Rio Paraguai:

Esta lagoa da Iberava é uma das mais interessantes dependências do Lago Xerayes,... suas águas limpas de aguapés e que com vento, e de brisa... com os ares muito serenos e aprazíveis... (p.347)

...e estranharam (os doentes) a pureza e salubridade dos deliciosos ares do Rio Paraguai... (p.341)

Nota-se, mais adiante, a plasticidade da descrição da Chapada dos Guimarães, feita pelo demarcador:

Vê-se na serra da mesma Gaíba que, pela parte de Leste delas em que vai o Paraguai depois de sair destes lagos, foram corridas grandes massas de terras paludosas e arenosas que vieram do plano e fundo da lagoa Gaíba e formaram uma escarpa inteiramente estranha a toda a forma ordinária dos montes, e representam uns imensos volumes que são piramidais, mas com toda a face de Leste plana, e formam a figura de uma cadeira episcopal coberta com um pano desde o seu espaldar ao plano último dos pés;... (p.348)

Antônio Pires situa, em sua descrição, os limites finais do Lago Xerayes:

Até aqui a descrição da parte do Lago Xerayes que se estende pelo Meridiano de 320 graus... vai terminar nas primeiras cachoeiras do Rio Coxim na sua confluência com o grande Rio Taquari... (p.348)

Ao término de sua narrativa de viagem, com a intenção de ratificar/retificar as terras portuguesas demarcadas pelo Tratado de Santo Ildefonso, o astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes define o limite do Lago Xerayes:

Até aqui a descrição da parte do Lago Xerayes que se estende pelo Meridiano de 320 graus desde a Latitude 16 austral até o paralelo de 20 graus e meio da mesma denominação, e pela parte de Leste vai terminar nas primeiras cachoeiras do Rio Coxim na sua confluência com o grande Rio Taquari que está em o Meridiano de 322° 37' 18" de Longitude, e por 18° 33' 50" de Latitude austral... Vim assim computando outros pontos do meridiano que passa por Leste deste lago na Latitude de 15 graus e 36 minutos, também por mim reconhecido; a ser o retângulo da área do lago Xerayes de um arco de Meridiano de 4 graus e ½ e de um paralelo de 2 graus e ½ que vem a fazer pelo menos 4500 léguas quadradas desta superfície que se acha ao nível do mar de Buenos Aires... (p.349)

Conclui-se, portanto, que para o demarcador **Xerayes** é um imenso lago, cujas águas se estendem desde o Marco do Jauru até a boca do Rio Coxim, quando este entra em confluência com o rio Taquari; daí este **ente geográfico** apresentar uma estação de cheias.

4. AS RELAÇÕES ENTRE OS TEXTOS

As relações textuais encerram toda a organização de um texto. Este, por sua vez, possui antecedente(s), ou seja, tem correlação com outro(s) texto(s).

Umberto Eco, ao escrever sobre o seu romance **O nome da rosa**, afirmou:

Descobri que os escritores sempre souberam (e nos disseram muitas e muitas vezes): os livros sempre falam sobre outros livros, e toda estória que já foi contada.¹

Michael Foucault também declara que

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e de sua forma autônoma; ele fica

¹ In: HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.167.

*preso num sistema de referências a outros livros, outros textos, outras frases: é um nó dentro de uma rede.*²

Ao lermos o manuscrito **Notícias do Lago Xerayes**, observamos que o autor conclui o seu texto parafraseando o capítulo 63, do segundo livro da obra **Naturalis Historia** de Plínio.

Confrontando os textos, temos:

*[...] Vim assim computando outros pontos do Meridiano que passa por Leste deste lago na Latitude de 15 graus e 36 minutos, também por mim reconhecido; a ser o retângulo da área do lago Xerayes de um arco de meridiano de 4 graus e 1/2 e de um paralelo de 2 graus e 1/2 que vem a fazer pelo menos 4500 léguas quadradas desta superfície que se acha ao nível do mar de Buenos Aires, e que pouco e pouco se vai formando e saindo do caos para a superfície que produzira este leite que nos recebe ao nascermos, **disse Plínio**, que nos dá no extremo das árvores as substâncias sucos de um perfeito silo de suas veias lácteas, este elemento enfim esta mãe do gênero humano, a Terra, digo, da qual nenhum dano havemos que temer, e todos os bens que espera, ainda mais naquele Continente, onde ainda em todo o vigor da mocidade ela oferece espontaneamente aos homens os frutos que a mão da arte não pode, às vezes, tirar nesta parte do globo já exaurida em muitas regiões do seu radical humor, mas sempre benévola às diligências humanas. (p.349)*

(Notícias do Lago Xerayes)

Segue a terra, a única parte da natureza à qual atribuímos o título de veneração materna, por causa dos seus méritos notáveis. Ela é dos homens assim como o céu é de Deus, ela nos acolhe quando nascemos, alimenta-nos como filhos e, uma vez nascidos, sustenta-nos sempre, por último abrigando-nos em seu seio como (seres) rejeitados pelo resto da natureza, então, principalmente, como uma mãe que nos cobre, e por nenhum mérito é mais sagrada senão porque ela também nos torna sagrados, conservando (nossos) túmulos e epitáfios, preservando nosso nome e prolongando nossa lembrança contra a brevidade da vida, invocamos por último sua divindade como hostil aos que não existem mais quando ficarmos irritados, como se não soubéssemos que ela é a única (deusa) que não se irrita com os homens. As águas caem como chuva, endurecem como granizo, dilatam-se como ondas, precipitam-se como torrentes, o ar se condensa em nuvens e se enfurece nas tempestades: mas ela é benéfica, branda, complacente e sempre a criada do uso dos mortais, ela gera coagida, distribui espontaneamente, que odores e sabores, que sucos, que contatos, que cores! Com que boa fé (ela) devolve o crédito confiado a ela! O que ela alimenta por nossa causa! Com efeito, os animais são nocivos, quando seu sopro vital tem culpa: a ela é necessário receber as sementes e suportar os seus rebentos; mas o dano está nos males dos que os geram. Ela não recebe mais a serpente quando o homem foi por ela mordido e também aplica os castigos em

² Id., *ibid.*, p.167

nome dos fracos. Ela distribui as plantas medicinais e sempre produz para o homem. Pode-se acreditar até mesmo que ela criou os venenos compadecendo-se de nós, para que no desgosto da vida a fome, morte tão estranha aos méritos da terra, não nos consumisse por uma lenta enfermidade, os despenhadeiros não dispersassem um corpo espedaçado, o castigo da força não nos torturasse aflitivamente bloqueando o ar para o qual se procura uma saída, para que uma sepultura nas profundezas do mar quando a morte é procurada não se transformasse num pasto, e o suplício do ferro não retalhasse o nosso corpo. Assim é, compadecendo-se (de nós) ela criou isto, com cuja facilíssima ingestão nos extinguíssimos (morrêssemos) com o corpo intacto e com todo o sangue, sem nenhum esforço, semelhantes a pessoas sedentas, mortas de tal modo que nem os pássaros nem os animais selvagens nos tocariam e seria conservado para a terra aquele que tivesse perecido para si mesmo. Confessemos a verdade: a terra criou para nós o remédio para nossos males, nós o transformamos num veneno para a vida. Com efeito, também, não utilizamos, de modo semelhante, o ferro, do qual não podemos nos privar? Todavia, não nos queixaríamos com razão, ainda que ela os tivesse criado com o fim de prejudicar (-nos). Com efeito, somos ingratos com relação à única parte da natureza. Para que prazeres e para que afrontas ela não serve ao homem? É lançada nos mares ou, para abrir caminho às ondas, é cavada; a todo o momento é atormentada pelas águas, pelo ferro, pelo fogo, pela madeira, pela pedra, pela semente, e muito mais para servir a nossos prazeres do que a nossa alimentação.

E, todavia, as (dores) que ela suporta na superfície da pele e na epiderme (talvez) pareçam toleráveis: penetramos em suas entranhas, cavando filões de ouro e de prata e minas de cobre e de chumbo, procuramos também pedras preciosas e certas pedras pequenas em covas perfuradas nas profundezas (da terra); arrancamos suas entranhas, para que uma gema seja levada no dedo pelo qual ela é procurada. Quantas mãos são gastas, para que uma só falange brilhe! Se existisse algum inferno, certamente os subterrâneos da avareza e da luxúria já os teriam desenterrado. E nós nos admiramos, se a mesma gerou alguns (seres) para a destruição! Com efeito, as feras, creio eu, protegem-na e dela afastam as mãos sacrílegas; nós não cavamos entre serpentes e manuseamos filões de ouro com raízes venenosas? Todavia, com a deusa mais apaziguada por estes motivos; porque todos estes sucessos da riqueza levam aos crimes, às matanças e às guerras e porque a regamos com nosso sangue e a cobrimos com nossos ossos insepultos, com os quais, todavia, como que censurando nosso furor, finalmente ela própria se reveste e também oculta os crimes dos mortais. Entre os crimes de (nosso) espírito ingrato, eu também revelarei este: que nós ignoramos sua natureza (= da terra).³

(**Naturalis Historia**)

Assim, *qualquer texto* – segundo Julia Kristeva – se *constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação dum outro texto*.⁴

Há duas finalidades bem distintas no diálogo entre textos: reafirmar a idéia do texto citado e parodiar ou contestar o texto citado.

Segundo Laurent,

³ Texto traduzido do latim pelo professor Édison Lourenço Molinari (UFRJ).

⁴ JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: **Poétique** (nº 27): revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Almedina, 1979. p.13.

*[...] a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizado, que detém o comando do sentido.*⁵

Se fizermos um estudo interpretativo dos textos, notaremos que Plínio apresenta um compromisso em descrever, exaltar e defender a Terra-Mãe, tal qual faz o demarcador e astrônomo Antônio Pires ao descrever e exaltar as belezas do Lago Xerayes e também defender os seus limites.

A intertextualidade não é o resultado da leitura paralela de muitos textos, não se dá em função desses textos, mas sim, estabelece uma relação com eles. Quanto a isto, Claude Simon de Cerisy-la-Salle (1974) diz que há uma *intertextualidade geral (relações intertextuais entre textos de autores diferentes)* e uma *intertextualidade restrita (relações intertextuais entre textos do mesmo autor)*.⁶

Segundo Baudelaire,

*Não há obra individual. A obra dum indivíduo é uma espécie de nó que se produz no interior dum tecido cultural, no seio do qual o indivíduo não se encontra mergulhado, mas **aparecido**. O indivíduo é, desde a origem, um momento, desse tecido cultural. Também a obra é sempre uma obra coletiva.*⁷

Ainda Laurent afirma que,

*A intertextualidade fala uma língua cujo vocabulário é a soma dos textos existentes. Opera-se, portanto, uma espécie de separação ao nível da palavra, uma promoção a discurso com um poder infinitamente superior ao do discurso monológico corrente. Basta uma alusão para introduzir no texto centralizador um sentido, uma representação, uma história, um conjunto ideológico, sem ser preciso falá-los. O texto de origem lá está virtualmente presente, portador de todo o seu sentido, sem que seja necessário enunciá-lo.*⁸

Há ainda quem veja na teoria da intertextualidade um remanejamento de códigos, ou seja, em vez de se criar um texto totalmente novo, cria-se apenas uma forma nova para um texto pré-existente.⁹

Assim é o fenômeno da intertextualidade: um entrecruzar de “fios” de obras de autores, de épocas e de espaços diferentes.

Através das palavras de R.Barthes, podemos reafirmar o que dissemos anteriormente:

⁵ Id., *ibid.*, p.14

⁶ DÄLLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: **Poétique** (nº 27): revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Almedina, 1979. p.51

⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. A intertextualidade crítica. In: **Poétique** (nº 27): revista de teoria e análise literárias. Coimbra: Almedina, 1979. p.226

⁸ JENNY, Laurent. A estrutura da forma. In: **Poétique** (nº 27). Coimbra: Almedina, 1979. p.21-22

⁹ LYRA, Pedro. **O real no poético**. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1980. p.176-177

... cada fio, cada código é uma voz, estas vozes trançadas, ou que se trançam, formam a escritura. Quando está só, a voz não trabalha, não transforma nada, mas logo que a mão intervém para reunir e entremear os fios inertes, há trabalho, há transformação.¹⁰

5. CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa constatamos que o espaço e a época não constituem barreiras ao diálogo intertextual. O texto de Antônio Pires (século XVIII) e de Plínio (século I d.C.) apresentam-se muito atuais em suas observações sobre a natureza: o primeiro enfoca as belezas naturais do Pantanal (Lago Xerayes) e seu sistema ecológico (fauna, flora, hidrografia, clima, etnografia) e, o segundo, numa visão geral, destaca também as belezas naturais da Mãe-Terra, habitat do homem. A partir de nossa análise intertextual, percebemos que o astrônomo Antônio Pires faz referências ao Liber II de Plínio, parafraseando o capítulo 63 ao final de seu texto, com o intuito de ressaltar que o homem sempre esteve em simbiose com a natureza, pois a sua existência depende deste contato harmonioso com o meio natural. Trata-se, portanto, de dois textos de diferentes épocas, mas que se consubstanciam numa relação bastante representativa do universo intertextual.

Conclui-se que o problema da referencialidade, encontrada nos textos em estudo, serviu como índice reativador do processo metafórico das camadas mais profundas das relações intertextuais. À luz dos estudos críticos sobre intertextualidade, em Literatura Comparada, o texto do século XVIII recria uma visão paradisíaca da terra e de seus elementos, tal qual o texto do século I d.C. Assim, notamos que as relações textuais encerram toda a organização de um texto. Este, por sua vez, possui antecedente(s), ou seja, tem correlação com outro(s) texto(s).

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaio de Cultura, 7)
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, 58)
- COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

¹⁰ BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Seuil, 1976. p.166

- KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. Tradução de Helena Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAGALHÃES, Nícia Wendel de. **Conheça o Pantanal**. São Paulo: Terragraph, 1992.
- MAGNE, Augusto. **Princípios elementares de literatura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- PAULINO, Graça *et al.* **Intertextualidades**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.
- PLINE L'ANCIEN. **Histoire Naturelle**. Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1950. Livre II.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. 3. ed. **Paródia, paráfrase e cia**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios, 1)
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

